O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 97

1 DE SETEMBRO DE 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras — Quartel Militar da Cidade da Praia de Cabo Verde, J. CESARIO DE LACERDA — Actualidades scientificas — Os cometas e o grande cometa de 1881, R. — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — O Cavaco, MONTEIRO RAMALHO — Publicações.

GRAVURAS. — Bellas Artes, Uma boa lamina, quadro de Alfredo Keil — Kapiolani rainha das ilhas de Sandwich — Kalakaua I, rei da ilhas de Sandwich — Cintra, Uma vista da Villa — D. Mariano Arista, ex-presidente constitucional do Mexico — Convento da Arrabida — Africa Portugueza, Cabo Verde, Quartel Militar da Cidade da Praia — Differentes aspectos do grande cometa de 1881. — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Abrimos esta chronica com uma noticia triste, a noticia da morte de Fillon.

Toda a gente em Lisboa conhecia o sr. Fillon como photographo; o seu excellente atelier competia com os primeiros de Lisboa; pelas esquinas do Chiado estão vitrines com magnificas photographias, que rivalisam com as melhores que nos vem do estrangeiro; e toda a Lisboa elegante e artista passou por defronte da sua machina.

Mas o que não era facil advinhar, vendo as provas primorosas que sahiam do seu atelier, vendo o cuidado, o esmero, com que elle trabalhava na sua arte, era que a photographia não tivesse sido sempre a sua preoccupação constante, a sua vocação querida.

Pois não foi.

Fillon era antes de ser um artista, um politico, e foi a politica, coisa estranha! que fez d'elle um photographo.

Se as preoccupações de Fillon nunca tivessem sahido do seu atelier, se as suas ambições se tivessem limitado a fazer um bom retrato, se a sua actividade se tivesse concentrado no seu laboratorio e na sua machina, Fillon teria vivido socegado e feliz na sua patria, e na sua patria teria morrido.

Mas não. Fillon era um politico ardente, um revolucionario avançado, que caminhava ao lado dos mais vermelhos republicanos francezes.

Amava a sua arte, mas amava ainda muito mais a sua patria.

E sacrificou tudo a esse amor. O seu caracter de rija tempera, não admittia a mais ligeira transigencia.

Republicano convicto de 1848, amigo intimo de Victor Hugo, de Luiz Blanc, de Raspail, Fillon foi em 1851 proscripto da França, e enviado para a Algeria depois do golpe d'Estado de 2 de dezembro. Da Algeria veio para Portugal em 1854 com sua esposa, uma honrada e laboriosa senhora, o verdadeiro typo da boa *ménagère*, esteve primeiro no Porto, depois veio para Lisboa; chegado aqui fundou um atelier de photographia que teve logo grande voga, e aqui viveu até que os exercitos do rei Guilherme ameaçaram gravemente e seriamente Paris.

Então Fillon deixou tudo pela sua querida França ameaçada, deixou o atelier, deixou o seu bem estar e correu a Paris a tomar parte na defeza da grande cidade.

Ahi foi membro do *comité* nacional, mas em 1871 novamente proscripto pelo governo de Thiers voltou para Lisboa, a continuar a sua vida laboriosa e obscura, e aqui viveu todo entregue á familia que adorava e que o adorava, seguindo de longe o movimento politico da sua patria com grande interesse, com dedicada anciedade.

Quando ha annos houve a amnistia geral, Fillon aproveitou-a logo para ir ver o seu querido Paris, mas uma doença terrivel ameaçava-o já, a cegueira. Felizmente a sciencia arrancou-o a ella, e graças ao tratamento cuidadoso, a congestão que lhe vendára um olho foi conjurada, Fillon ficou vendo, mas nunca mais teve a saude forte e rija, o espirito despreoccupado e sadio que até então tivera.

Agora, indo ao Bussaco com sua filha, foi mordido n'uma das mãos por um insecto venenoso.

O braço inchou-lhe logo e cobriu-se de placas vermelhas. Aterrada a sua extremosa filha trouxe-o immediatamente para Lisboa: a inchação continuou e d'ahi a poucos dias Fillon morria nos braços de sua familia que tanto amava.

Era um excellente homem, um espirito claro e lucido, um caracter leal e honrado como poucos conhecemos. Vivemos muito com elle apreciámos de perto todas as qualidades excepcionaes que fazem hoje deplorar vivamente a sua perda a quantos o conheceram.

A morte de Fillon não foi seguramente um acontecimento em Lisboa, mas foi profunda tristeza para os seus amigos, que os tinha e dedicados entre os portuguezes que o estimavam e o queriam como a um irmão.

Para nós de todos os factos d'estes dez dias foi este o que

BELLAS-ARTES

UMA BOA LAMINA — Quadro de Alfredo Keil

maior impressão nos causou, é por isso que elle occupa o primeiro logar na nossa chronica. Tanto como amigo pessoal, como chronista, deviamos não só ao amigo, mas ao artista, ao hospede e ao homem, estas palavras á sua memoria.

Como tudo se prende n'este mundo, como o drama anda sempre a acotovellar a comedia, como a farça e a tragedia se encontram a cada momento de braço dado n'este valle de lagrimas, soubemos a noticia da morte de Fillon no passeio publico, no sabbado á noite, quando presenceavamos espantados um dos mais funambulescos casos a que temos assistido em Lisboa, onde elles não são raros.

Esse caso não merece de forma alguma honras de chronica, e apenas o citamos para dar medida do estado d'alguns cerebros em Lisboa no anno de 1881.

No sabbado á noite estava annunciado que o sr. Justino Soares, um mestre de dança que tem arranjado em torno do seu nome uma grande aureola de troça, apparecia no Passeio vestido á Luiz XIV a dançar o minuete.

Nós não o acreditámos, apesar de o ver no cartaz. Tinhamos a certeza que á ultima hora veria-mos um contra annuncio. Não tinhamos rasão. Não conheciamos bem o sr. Justino Soares. Effectivamente ás 9 horas da noite appareceu elle, vestido á Luiz XV,—mais um do que promettera, pois o annunciado era XIV,—a dansar gravemente o minuete, com a serenidade tranquilla de quem está fazendo a coisa mais natural do mundo, mesmo com o sorriso satisfeito de quem está praticando uma boa acção.

Não gastaremos mais tinta com este triste assumpto comico, registramos apenas aqui o facto como um symptoma da vida de Lisboa em 1881.

—Outro facto tambem symptomatico da civilisação portugueza nos tempos que vão correndo é a historia do rebate tocado nos sinos da egreja de Montelavar.

Montelavar é uma freguezia do concelho de Cintra, mas parece muito mais uma povoação do centro d'Africa.

Ha dias o sr. Delphim Guedes, inspector da Academia de Bellas-Artes foi á egreja de Montelavar, munido da auctorisação do governo para escolher os objectos d'arte ornamental que julgasse dignos de figurar na proxima exposição.

Até aqui muito bem. O sr. Delphim Guedes foi muito bem recebido pela junta da parochia, e na companhia do regedor de Montelavar começou a examinar as alfaias da egreja.

Mas n'isto ouve-se tocar desesperadamente a rebate o sino da freguezia. O sr. Delphim Guedes, o regedor, os membros da junta de parochia, olham-se espantados.

—O que vinha a ser aquillo? O que queria dizer aquelle toque?

Ai! dentro em breve o souberam! Aquelle toque queria dizer que a população feminina de Montelavar tendo desconfiado que o sr. Delfim Guedes ia ali para lhe levar os santos da igreja, chamava o povo ás armas, preparando-se para depois de tocar a rebate nos sinos, tocal-o nas costellas do ousado raptador das suas queridas imagens.

O sr. Delfim Guedes não teve remedio senão deixar em meio a revista das alfaias e esgueirando-se pela porta da sachristia, metteu-se na sua carruagem, e voltou para Cintra coberto de maldições, e se se demorasse talvez d'algumas pedras, o que o devia incommodar alguma coisa mais.

Offerecemos o sr. Justino vestido á Luiz XV no Passeio Publico e o rebate de Montelavar aos futuros historiadores do ultimo quartel do nosso seculo.

—Realmente esta semana foi uma semana de factos extravagantes. Temos mais um que, sendo verdade o que dizem os jornaes da opposição, caracterisa perfeitamente o que é a politica portugueza. E' extraordinario o sitio onde vamos hoje encontrar a nossa politica—na praça dos touros.

No domingo houve pegas na tourada do Campo de Sant'Anna.

Ora não temos nada com as pegas dos touros, e não se trata agora de saber se as pegas são ou não prejudiciaes, perigosas, e ruinosas, se a sua prohibição foi ou não justa.

O que é certo é que as pegas estão prohibidas por um edital do Governo Civil de Lisboa, uma lei policial que só poderia ser revogada por outra lei policial.

Entretanto no domingo os cartazes dos touros annunciavam uma surpreza, e toda a gente sabia quando entrou na praça, que essa surpreza era as pegas.

Effectivamente era. Fizeram-se pegas, as pegas que estão terminantemente prohibidas por um edital do Governo Civil, e a auctoridade que presidia ao espectaculo, deixou-as fazer tranquillamente, e nem antes nem durante nem depois, deu um passo sequer para fazer respeitar as ordens expressas do Governo Civil, ou castigar os seus infractores.

Este facto produziu profunda e justificadissima extranhesa.

Como explical-o?

Até hoje só appareceu uma explicação, que esse fechar d'olhos da auctoridade era resultado d'um pacto eleitoral.

Será realmente esta a rasão porque a auctoridade deixou no domingo fazer as pegas prohibidas por um edital que ainda não foi revogado?

Se assim é, pobres bois e pobre paiz! Como a politica liga as suas sortes e os seus destinos! De que estão dependentes o futuro da patria, e as costellas dos forcados!

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA BOA LAMINA

Quadro do sr. Alfredo Keil

Esteve na ultima exposição da sociedade pomotora de Bellas Artes, em Lisboa e na exposição de Bellas Artes de Madrid, realisada pelo tempo dos festas do centenario de Calderon, o excellente quadro do sr. Alfredo Keil que hoje damos em gravura.

O quadro tem qualidades muito apreciaveis e denota claramente no artista a influencia da escola allemã.

Afastando-se da onda moderna que leva os pintores a só procurarem o effeito da impressão, sem preoccupações de processos e de acabamento, o sr. Alfredo Keil trabalha muito os seus quadros, e procura encontrar um meio termo entre a escola antiga e a escola moderna, meio termo, que, achado, dará á obra d'arte o acabamento e a verdade que a critica tem o direito de lhe exigir.

O quadro *Uma boa lamina*, a que nos referimos hoje, tem como qualidades predominantes um perfeito acabamento e uma grande harmonia de colorido; é uma obra muito apreciavel e que sustenta, e augmenta os bons creditos artisticos do sr. Alfredo Keil.

KALAKAUA I, REI DE HAWAII (ILHAS DE SANDWICH)

Como se dizia na chronica do nosso ultimo numero tivemos a visita do rei David Kalakaua I, rei do pequeno reino de Hawaii, conhecido vulgarmente pelo nome de ilhas de Sandwich. Nasceu este soberano em 1836, tendo portanto hoje quarenta e cinco annos. Educado á europêa, fez varias viagens aos paizes estrangeiros, especialmente aos Estados Unidos da America, durante o reinado do seu antecessor, aonde foi como diplomata, e com cuja nação estabeleceu tratados importantes para o seu paiz.

Tendo fallecido a 3 de fevereiro de 1873 o rei Lukalilo, nove dias depois o parlamento hawaiano elegeu Kalakaua, para a alta dignidade de soberano, visto aquelle haver fallecido sem successão e sem ter nomeado successor.

Comquanto rei por eleição, Kalakaua descende por sua mãe, da antiga linha dos reis d'aquellas ilhas.

Kalakaua é casado com a rainha Kapiolani, da qual, segundo um jornal inglez, não tem successão, sendo por isso herdeira do throno sua irmã Lydia Kamakaeha, que é desposada com Archibaldo Scott Cleghorn. Um jornal italiano dá ao rei tres filhas.

A sua eleição foi mal recebida pelos hawaianos, havendo por essa occasião tumultos e sedições, que foram facilmente reprimidas, mas oito annos de paz e de uma administração séria e intelligente tem mostrado a injustiça d'aquella desconfiança.

O archipelago das ilhas do Sandwich, é o mais septemtrional do Garnde Oceano, nomeado ainda ha menos de um seculo pela ferocidade de seus habitantes, e hoje ao contrario, pela rapida civilisação e adiantamento d'elles.

O viajante inglez Cook, que primeiro explorou e reconheceu este archipelago, foi morto traiçoeiramente em uma de suas ilhas, pelo seus selvagens habitantes, e hoje no logar, onde se perpetrou este attentado levantaram os descendentes d'aquelles ao celebre capitão viajante um monumento. Quando se pagará a mesma divida a Fernão de Magalhães, que teve igual sorte?

Ha ainda cem annos que os hawaianos adoravam divindades terriveis, ás quaes sacrificavam victimas humanas, apenas sulcavam os mares sobre rudes pirogas, e andavam nús; hoje vestem-se com trajos pittorescos, possuem navios de alto bordo, e a maior parte são christãos, e o sacrificio aque assistem é o da missa.

Um rei constitucional, uma constituição formulada á similhança de iguaes codigos europeus, uma representação nacional formada por duas camaras, onde se discute tanto em inglez como em hawaiano, dirigem os negocios de um pequeno estado, que ainda ha tão pouco era governado pela força e selvageria.

A imprensa tambem ali já espalhou os seus beneficios, e não menos de quatro jornaes, o *Pacific Advertiser*, o *Native Paper*, o *Polinesian* e o *Friend*, dão pasto á curiosidade dos habitantes, que ainda ha pouco se entretinham em assassinar os descuidados viajantes e em saborearem as doçuras da carne humana.

Para cumulo de civilisação tem os hawaianos uma ordem cavalheiresca, cujo motte, muito mais philosophico que o da ordem da jarreiteira, é o seguinte: *Sê homem e sê digno do nome de homem.*

Uma das curiosidades d'aquelle archipelago são as ruinas dos monumentos religiosos, que offerecem muita analogia com os dolmens da antiga Europa, com a singularidade de que ha ainda vivo quem se recorde das festas em que offereciam no *Hejó*, assim se chamavam os templos, sacrificios humanos, e onde o sacerdote do deus Kaili, sentado em cima do obelisco de bambu levantado a grande altura por traz do altar, respondia ás consultas, chamava novas victimas, e olhando os seus cadaveres predizia o futuro, estudando os movimentos das visceras mais nobres dos sacrificados.

O Hejó de Puapua na ilha Hawaii tem 92 metros de comprimento por 42 approximadamente de largo os seus muros, de pedras vulcanicas, ensossos, teem treze metros de espessura na base, e 2 no cimo elevando-se a altura de cinco metros acima do terreno.

Hoje tudo tem mudado, e até, com menos recursos, está aquelle reino mais adiantado que o Japão.

Tem sessenta mil habitantes approximadamente com a singularidade de que a população indigena vae desapparecendo, tendo hoje as colonias alli, e já ha muitos annos, muita importancia. Das nossas ilhas dos Açores ha para aquelle archipelago uma emigração constante, e hoje a nossa colonia, que é talvez a mais numerosa, reclama um representante junto ao rei Kalacaua. Este assumpto, álem do desejo de ver as coisas da Europa, foi um dos motivos da viagem de Sua Magestade, que deixou em Lisboa um agente.

O rei visitou as ruinas de Pompeia, os reis de Italia, a republica franceza, Londres e a rainha Victoria, Hespanha, Lisboa, onde foi recebido por Suas Magestades, visitou o papa em Roma, escreve a Garibaldi, e tem, como diz a *Illustração Italiana*, alem de outros por ministro um genovez que é seu genro e duas filhas a educar em Napoles.

A visita de Sua Magestade a Lisboa deve estreitar as nossas relações com as ilhas de Sandwich, e regular em proveito dos nossos patricios dos Açores a emigração a que nos referimos.

A VILLA DE CINTRA

Não ha ninguem em Portugal que não conheça Cintra, pelo menos de nome. Além de ser o sitio mais pittoresco e formoso de todo o paiz, a sua proximidade de Lisboa, deu-lhe todos os foros de elegancia, e fez d'ella positivamente a estação da moda.

Não é do bom tom quem não tem em Cintra o seu palacio, a sua quinta, e o seu chalet, ou pelo menos quem passa 365 dias sem ir uma semana pagar á formosa serra e aos numerosos hoteis o tributo da sua admiração e dos seus desoito tostões por dia.

Na rhetorica nacional, das pessoas bem fallantes, Cintra é conhecida pela alcunha de *Paraizo de Lord Byron*. Como é sabido geralmente, e não pode deixar de o ser, o grande poeta do *Childe Harold* esteve em Cintra e commemorou as suas legendarias bellesas nos seus immortaes versos.

Nós hoje porem nada temos que ver com a Cintra pittoresca, a Cintra das alcantiladas serranias e dos verdejantes valles, temos sómente que tratar da Cintra villa, que a nossa gravura representa.

Cintra, a velha *Cynthia* dos celtas foi conquistada aos arabes em 1109 pelo conde D. Henrique.

Antes d'isso parece que já no anno 870 D. Fernando lh'a tomara, e que caindo de novo em poder d'elles, fora reconquistada em 1074 por D. Affonso VI de Castella e Leão.

D'esta vez Cintra tornou a cahir em poder dos arabes, e depois de reconquistada pelo conde D. Henrique voltou de novo para as mãos dos arabes a quem d'uma vez para sempre D. Affonso I a tirou em 1147, redificando-a e povoando-a em 1149, e dando-lhe em 9 de janeiro de 1154 o foral, que d'ali a 35 annos lhe foi confirmado por D. Sancho I.

A villa está situada a duas terças partes da altura da serra, em terreno accidentado, é dominada pelo castello dos mouros, e domina todo o externo e delicioso val'e.

Na praça da villa ergue-se o antigo palacio real, com as suas chaminés collossaes, de architectura gothica, e fundado por D. João I sobre as ruinas d'um grande palacio arabe.

Tem grandes recordações historicas, este palacio, recordações que o Cicerone declama a todos os visitantes com a precisão mecanica d'uma pendula.

Foi n'um dos quartos d'esse palacio que em 15 de

janeiro de 1432 nasceu D. Affonso V, e foi ahi, n'esse mesmo quarto, que a peste de 1481 o matou.

Foi nos paços reaes de Cintra que D. João II foi pela segunda vez acclamado rei n'esse mesmo anno.

Foi nos paços de Cintra que D. Sebastião deu a sua ultima audiencia antes de partir para a triste jornada de Alcacer-Kivir.

Foi no palacio real de Cintra que D. Affonso VI esteve oito annos preso por seu irmão D. Pedro, n'um quarto cujo ladrilho está gasto pelas suas passadas, e ahi que o desgraçado rei morreu.

É n'esse palacio que existe um fogão com baixos relevos de Miguel Angelo, é n'elle que ha a sala dos veados, um livro de brazões pintado n'um tecto, a sala das pegas, a que se prende uma lenda muito sabida, a casa de banho arabe, as enormes cosinhas com o seu echo gigante, etc., etc.

A villa é feia, as ruas estreitas e sujas mas logo que se sae d'essas ruas, parece que se entra n'um sonho das mil e uma noites.

A's espantosas bellezas d'uma natureza excepcional e maravilhosa junta o mais formoso grupo de grandes e riquissimas vivendas que ha em Portugal.

Entre essas vivendas tem o logar de honra a Peninha, d'el-rei D. Fernando que não é só a melhor de Portugal, mas talvez a melhor da Europa.

E logo em seguida á Peninha, vem á memoria do *tout-ète* o Monserrate [1] o Ramalhão, a quinta do duque de Saldanha, do Marquez de Vianna, do barão da Regaleira, a Penha verde, a do Monte Christo [2] grandes paraizos a 25 kilometros de Lisboa, o *Castello dos Mouros* cujo panorama é assombroso, etc., etc.

Em 1873 inaugurou-se a linha a vapôr do tranway Larmanjat, de Lisboa até Cintra. Houve grandes festejos na capital porque era sentida de ha muito a falta inqualificavel d'um meio de transporte rapido, barato e commodo para aquella formosa localidade.

Essa falta porém pouco tempo esteve remediada.

O Larmanjat não tinha os requesitos necessarios para a remediar e a empreza quebrou dentro com pouco, e ahi ficou novamente Lisboa communicando com Cintra simplesmente por meio d'uns incommodos char-à-bancs em que se gasta immenso tempo, ou de carruagens em que se gasta muito dinheiro.

É mais do que um desculdo inqualificavel, é um contra senso vergonhoso, Lisboa não ter ainda hoje um caminho de ferro para Cintra, que é o jardim da capital, e que é um ponto visitado fatalmente por todos os estrangeiros que vem ao nosso paiz, por todos os provincianos que vem á nossa cidade.

Agora diz-se que vae finalmente fazer-se esse caminho de ferro; a linha foi já adjudicada á empresa do caminho de ferro de Torres, e Lisboa espera com verdadeira e justa anciedade esse grande e indispensavel melhoramento.

D. MARIANO ARISTA

Ex-presidente Constitucional do Mexico

No dia 18 de agosto ultimo um navio do Estado, o *Africa* conduziu a Cadiz, d'onde devem ser transportados para o Mexico, os restos mortaes do general D. Mariano Arista, ex-presidente da republica d'aquelle nome, fallecido em Lisboa, em 7 de agosto de 1855.

O ex-presidente vinha a bordo do vapor *Tagus* onde seguia viagem para Inglaterra. Morreu no nosso porto e foi sepultado no cemiterio oriental.

Mariano Arista nasceu no estado de S. Luiz de Potozi, (Mexico) em 6 de julho de 1802, de paes hespanhoes.

Seu pae era tenente coronel e a sua educação foi dirigida exclusivamente para a carreira militar, e aos 11 annos entrou como official aspirante, no exercito hespanhol, passando em 1821 ao Mexico, no posto de tenente de infanteria.

O modo brilhante como se portou durante as grandes e continuas luctas de que foi theatro o territorio mexicano, deu-lhe os mais altos cargos na milicia, e levou-o ás eminencias do poder.

Nos ultimos dias do seu governo, o ministerio aconselhou-o a dar um golpe de Estado, dizendo-lhe que só assim faria a felicidade do paiz. Arista respondeu: «Eu não jurei fazer a felicidade da nação, mas sim cumprir e fazer cumprir as leis nas quaes o paiz cifra a sua verdadeira felicidade.»

E não querendo seguir o conselho que lhe davam, conselho de que resultaria a revolução, apresentou ás camaras a renuncia da presidencia, sahindo logo do Mexico. Foi então que se dirigiu á Europa a bordo do vapor *Tagus* e morreu em Lisboa.

Em 1857 o presidente Alves, attendendo a que quando Mariano Arista falleceu em Lisboa ainda não tinha sido substituido na presidencia do Mexico, ordenou que os seus restos fossem para ali trasladados *por elle ter bem merecido da Patria*.

N'essa época então não foi possivel averiguar-se o paradeiro dos restos mortaes do ex-presidente e só depois se soube que existiam no jazigo da familia Batalha, no cemiterio do Alto de S. João.

A exhumação realisou-se finalmente agora, no dia 17 de Agosto na presença do sr. Breton y Vedra, consul do Mexico n'esta cidade, e das competentes auctoridades locaes, sendo em seguida o caixão com os ossos do illustre estadista mexicano conduzidos para bordo do *Africa* com todas as honras militares devidas ao alto cargo que occupára no seu paiz.

O sr. Breton y Vedra e o sr. Visconde de S. Januario, acompanharam até Cadiz os ossos do ex-presidente do Mexico.

Mariano Arista foi um vulto eminente na historia politica e militar do Mexico, que deve á sua sabia e prudente governação parte da prosperidade que hoje disfructa.

G. L.

[1] Vidè n.os 94 e 95 pag. 169, 170 e 177 do presente vol. do OCCIDENTE.

[2] Idem n.º 91 pag. 145.

CONVENTO DA SERRA D'ARRABIDA

Já por mais de uma vez temos falado da serra d'Arrabida e suas cercanias no nosso periodico, nomeadamente a pag. 150 do 2.º e 75 e 86 do 3.º volume.

N'aquelle falamos do fundador d'esta mansão religiosa, isto é do primeiro que a habitou como prelado.

A serra d'Arrabida, que os antigos chamaram monte barbarico, ergue-se desde Setubal e estende-se n'um espinhaço elevado e magestoso até entrar n'um promontorio ousado pelo seio do Atlantico, formando o antigo cabo de *Finisterra*, hoje cabo de Espichel.

Corre a serra de nordeste a sudoeste, recortada em cada vertente por infindos corregos, que as aguas pluviaes engrossam, e revestida de arvoredo e matagaes agrestes que lhe dão um aspecto severo, e ao mesmo tempo tão adaptado á comtemplação e meditação, que parece ser esse o seu destino. Dos flancos das suas montanhas pedregosas arrancam porém os homens o marmore precioso, com que outrora se enobreciam e ainda hoje se enobrecem tantos edificios. As pedras de maiores dimensões que dalli se tem cortado, parece terem sido quatro columnas de 25 palmos de comprido por quatro de diametro para a capella mór da igreja de Santo Antão fundada pelos jezuitas.

Da parte do norte estende-se a vista pelas campinas de Azeitão até o Tejo, da parte do sul vê-se o rio Sado, e campinas do Alemtejo, ao sudoeste vê-se a immensidade do Oceano, cujo som estrondoso acrescenta a magestade do sitio.

Já dissemos quando falámos de fr. Martinho de Santa Maria, como inclinado este á vida solitaria e contemplativa, viera movido das instancias do seu parente o duque d'Aveiro D. João, neto de D. João II, habitar uma gruta n'aquelle sitio, acompanhado por outros. Ao principio estavam os religiosos separados habitando cada um a sua cabana, afastados bastante para poderem disciplinar-se orar e chorar á sua vontade, sem serem ouvidos uns dos outros. Sahiam de manhã descalços, apoiados em nodoso bordão a esmolar pelos arredores o só restrictamente necessario para o seu sustento. Os duques de Aveiro, senhores da localidade e que habitavam em Setubal e Azeitão, foram melhorando essas grutas ou cabanas, de fórma que pelo andar do tempo se converteram em cellas um pouco mais ecmmodas, mas separadas, não podendo ser considerado o seu todo um convento continuado e unido, como qualquer outro conhecido.

Fica este na ladeira da serra que olha pára a parte do mar e a meia encosta, como que semeado e disperso por entre as rochas, as arvores, as mattas e os arbustos, n'uma posição lindissima. Parece-nos que era este um sitio bem azedo para se estabelecer um collegio de missões ultramarinas.

Tem porém a sua egreja, pequena sim e pobre, que apenas consta de tres altares, mas na raiz da serra, a bastante distancia do convento ha uma lapa com um altar de Santa Margarida, virgem, martyr, que é logar muito visitado pelos povos de Arrentella, Seixal etc.

Defronte da lapa ergue-se sobranceiro ao mar o penedo do Duque, que é um sitio magestoso pela sua posição sobre o Oceano.

D. Pedro II mandou construir a alguma distancia uma fortaleza para proteger a localidade dos assaltos dos habitantes da Berberia, que ainda eram frequentes n'esse tempo, tendo por vezes levado captivos alguns religiosos.

A certa distancia da egreja ha um cabeço chamado *Monte Cabrão* desde o qual se vêem muitas capellinhas, sendo a mais notavel feita por D. Antonio de Alemcastro, 6.º filho do Duque d'Aveiro D. Alvaro, em 1750, e que dizem lhe custára deseseis mil cruzados.

Não nos alongaremos na descripção minuciosa d'estes sitios. Quem desejar saber mais alguma coisa, póde ver o *Diccionario Geographico* do Padre Luiz Cardoso, a *Chronica d'Arrabida* de Fr. Antonio da Piedade, e o *Portugal antigo e moderno* do sr. Pinho Leal.

N'aquelle cenobio habitaram e consumiram os seus ultimos annos de vida, além de Frei Martinho, S. Pedro d'Alcantara e outros, os nossos conhecidos e estimados escriptores fr. Agostinho da Cruz, Fernão Roiz Lobo Sortopita, o primeiro honrador de Camões, e tambem alli esteve, como que degradado, o illustrado patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz.

QUARTEL MILITAR DA CIDADE DA PRAIA

DE CABO VERDE

A ilha de S. Thiago é a mais extensa, a mais populosa e a mais importante de todas as do archipelago de Cabo Verde. Faz parte do grupo das de sotavento e, tem segundo a ultima estatistica, uma população de 41:076 habitantes, distribuida por 10:477 fogos.

Está administrativamente dividida em dois concelhos: o de Santa Catharina, ao norte, com tres freguezias e 18:899 habitantes; o da cidade da Praia, ao sul, com 8 freguezias e 22:177 almas.

É muito accidentada, tendo saliencias bastante alterosas, separadas por valles profundos, onde serpenteiam numerosas ribeiras, em que a agua corre até na quadra mais secca do anno. O seu ponto mais elevado é o pico de Antonia, no centro da ilha, que tem 4:500 pés de altura acima do nivel do mar.

Essencialmente agricola, está em grande parte cultivada, tendo comtudo ainda grandes tractos de terreno virgem, mas susceptivel de ser aproveitado. O seu principal producto vegetal, que é tambem o seu mais avultado genero de exportação, é a semente de purgueira. Produz tambem grandes quantidades de caffé, de canna saccharina, de milho, de legumes; é apta para a cultura do algodão e dão-se bem n'ella quasi todas as fructas de entre os tropicos e muitas da Europa.

O seu movimento commercial no anno economico de 1878-1879 foi representado por 383 contos de réis, sendo 203 contos o valor das suas importações e 180 o das exportações.

É seu principal porto o da Praia, na costa de sueste, vasto, seguro durante a maior parte do anno, e que offerece fundeadouro a grande numero de navios de alto bordo.

A cavalleiro d'elle, sobre um planalto assente em rocha basaltica, estende-se a sua povoação mais importante, a cidade da Praia, que é a capital da provincia de Cabo Verde. É uma das mais bonitas e mais regulares cidades de toda a costa da Africa. Está dividida em ruas compridas e amplas, bem alinhadas, lançadas no sentido norte-sul e cortadas perpendicularmente por travessas largas de um perfeito parallelismo. Tem praças extensas e regularissimas, arborisadas, e com o seu chão á Mac-Adam.

Tem bonitas e commodas edificacões para habitação particular, muitas recentemente construidas com elegancia e bom gosto. O seu aspecto é perfeitamente europeu; e a não ser a cor preta da maioria da população, ao vermo-nos no centro d'ella, não cuidariamos estar no meio de uma povoação africana.

Tem cerca de 3:000 habitantes e uma actividade commercial, que lhe dá um aspecto animado e interessante.

Possue alguns edificios publicos dignos de menção e que concorrem para a embellezar.

Os *Paços do Concelho*, construidos na praça principal da cidade, uma vasta quadra, muito regular e elegante, são um edificio moderno, com boas accommodações para as repartições municipaes, administração do concelho, tribunal de justiça, correio e recebedoria.

A casa, em que estão estabelecidas a secretaria do governo e a contadoria da junta da fazenda, tem no seu pavimento do rez-do-chão a cadeia civil. Está situada n'uma praça que domina o porto, a de Sá da Bandeira.

N'uma outra mais pequena, o largo do Guedes, vê se um edificio de construcção recente, modesto mas elegante em que estão estabelecidas as escolas de ensino primario, a denominada principal, e uma bibliotheca publica (fundada em 1871) que conta já um crescido numero de volumes e é bastante frequentada. No mesmo largo ha o edificio particular do *Theatro Africano*, bonita casa de espectaculo inaugurada em 1868.

O *Hospital Civil e Militar*, construido desde o seu principio para o fim em que foi empregado, satisfaz ás principaes condições exigidas n'aquelle genero de estabelecimentos. É de um só pavimento, ao rez-do-chão, perfeitamente ventilado e illuminado e tem as suas enfermarias abertas sobre vastos recintos ajardinados. É o melhor dos hospitaes que actualmente funccionam na Africa portugueza.

O *Deposito d'Agua*, á entrada da cidade do lado do norte, é tambem uma edificação notavel e que muito concorre para o embellezamento da capital de Cabo Verde. Recebe a agua que vem encanada desde as abundantes nascentes do Monte Agarro, a quatro kilometros da cidade. O encanamento vae depois terminar na praça principal, onde estão os Paços do Concelho, n'um amplo tanque de marmore, ornado com um vistoso repuxo.

O *Quartel Militar*, que a nossa gravura representa, está situado na extremidade do lado do sul da rua do Corvo, a qual tem mais de 20 metros de largura, está calçada á Mac-Adam e tem em cada uma das suas margens um renque de arvores.

Tem este edificio a seguinte historia. No governo de D. Antonio Coutinho de Lencastre (1803 a 1818) foi mandado construir, na extremidade de leste do morro em que assenta a povoação e dominando a entrada do porto, um fortim com tres canhoneiras; mas de tão acanhadas dimensões era a construcção, que quasi não tinha espaço para os necessarios movimentos das peças.

A respeito d'aquella edificação conta-se a seguinte anedocta. O governador, mal concebeu o plano da obra, mandou immediatamente um official ao Rio de Janeiro, onde então se achava D. João VI, com o fim de participar ao soberano a construcção do forte que, no dizer exagerado do mesmo governador, defendia perfeitamente o porto e a então Villa da Praia. Expedida a correspondencia, maravilhou-se o secretario do governo de que se mandasse dizer ao monarcha que se construira um forte, de que não havia ainda nem sequer os alicerces. Estranhou-lhe o governador a curtez do engenho, pois que era obvio que, quando o mensageiro chegasse ao Brazil com a nova, já devia estar concluido o forte, a cuja construcção ia immediatamente proceder-se.

Assim se fez; mas o edificio ficou acanhado, inutil para a defeza e prejudicial ao aspecto da povoação.

Mais tarde, no governo do sr. Arrobas foi arrasado, sendo o terreno em que assentava, e que era mais baixo do que o da cidade, nivellado com esta, e no seu logar contruiu-se o actual edificio que mostra a gravura, destinada primitivamente para arsenal. Ali funccionaram officinas de ferreiro, serralheiro, espingardeiro e coronheiro, bem como estabelecidos os armazens e arrecadações do material de guerra e maritimo.

Posteriormente ainda soffreu o edificio modificações importantes, para ser applicado a quartel do batalhão de artilheria da provincia e depois do de caçadores n.º 1 da Africa, em que aquelle foi convertido. Tendo sido este transferido para a provincia de Guiné, foi o quartel destinado para a 1.ª companhia da policia militar de Cabo Verde, creada por decreto de 7 de outubro de 1880.

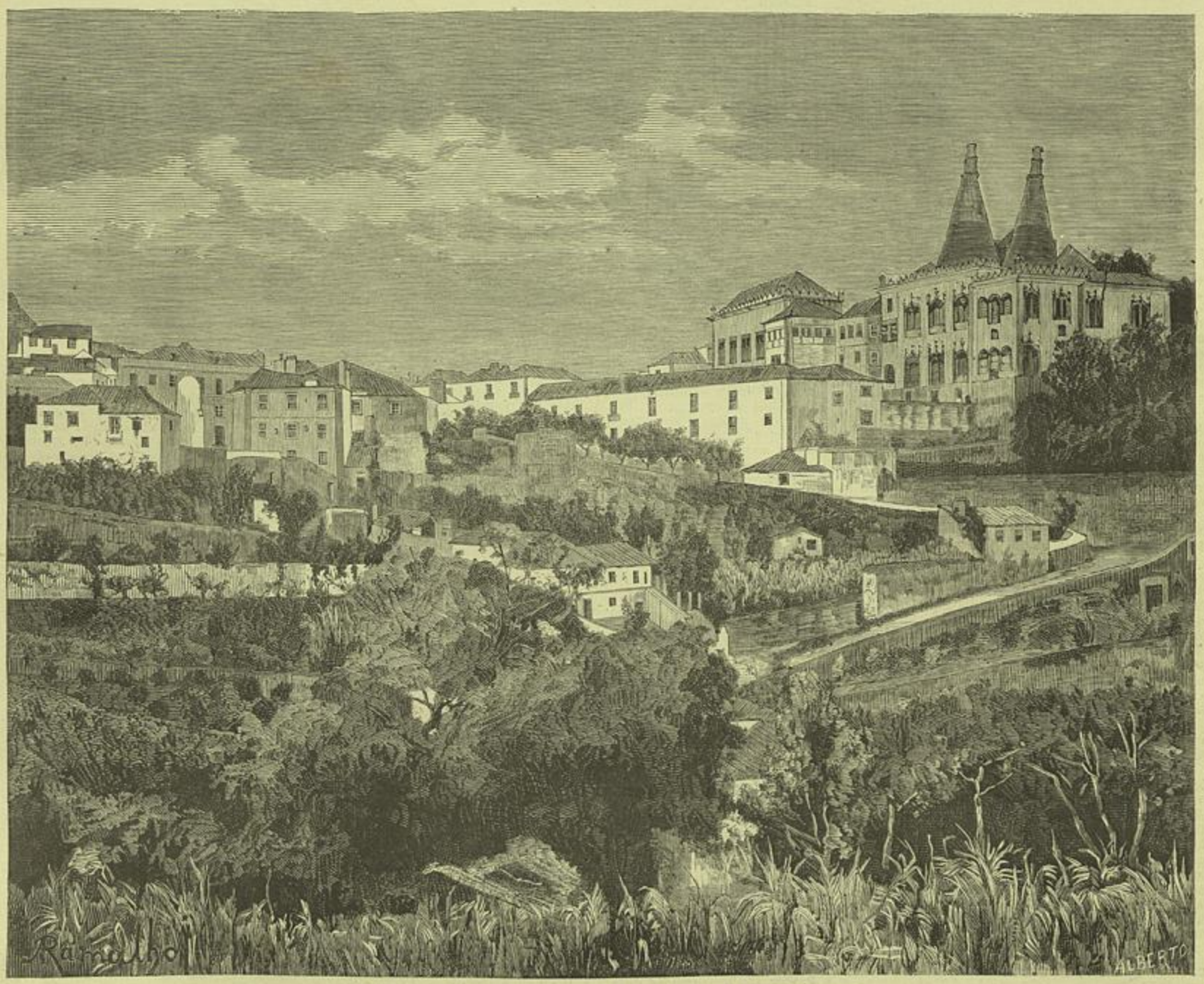
Está aquella companhia, de força de 143 praças, excellentemente alojada no edificio, em que tem boas casernas e excellentes arrecadações e officinas.

Contigua ao quartel, do lado do mar e por traz das casas que se vêem na gravura, ha uma bateria com 21 peças, que servem nas salvas do porto.

J. CESARIO DE LACERDA.

KAPIOLANI, RAINHA DAS ILHAS DE SANDWICH

KALAKAUA I, REI DAS ILHAS DE SANDWICH



CINTRA — UMA VISTA DA VILLA (segundo uma photographia de Rocchini)

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

OS COMETAS E O GRANDE COMETA DE 1881

Estes pobres astros que giram no espaço, segundo as leis eternas do movimento do Universo, teem sido, desde a mais alta antiguidade, acoimados de nuncios de cataclismos, de mortes de principes, de guerras desastrosas, etc. Era na realidade muita vaidade da parte do homem julgar que um auctor de uma machina tão grandiosa estivesse a incommodar-se cada dia com tão insignificantes creaturas, para crear e enviar um corpo, ás vezes tão brilhante, cada vez que um santo ou um patife, por mais altamente collocado desapparecesse do mundo, ou cada vez que uns maus visinhos se armassem para ir devastar os haveres e derramar o sangue dos que tem a desgraça de viverem proximos ou ainda distantes.

Pobres cometas! Estes corpos que se movem atravez das constellações, como os planetas e occupam por tanto successivamente posições muito differentes sobre a esphera celeste, são astros como aquelles. Apresentam porem, ordinariamente, aspectos diversos d'elles, e ainda que essa differença de aspecto não seja o caracter essencial que distingue os cometas dos planetas, basta geralmente para indicar se tal astro errante pertence a uma ou outra d'estas duas classes.

Consiste um cometa ordinariamente em um ponto mais ou menos luminoso que se chama o *nucleo*, cercado de uma nebulosidade que se estende como um rasto luminoso n'uma direcção particular que se chama a *cauda*, e a parte da nebulosa que cerca o nucleo do astro chama-se a *cabelleira* ou *coma*, de cujo nome e circumstancia deriva a denominação d'estes astros, que tanto vale como *astro cabelludo* ou *comado*.

D. Mariano Arista, Ex-Presidente Constitucional do Mexico

Nem todos os cometas porem se apresentam sob esta forma. Ha-os que são acompanhados de mais de uma cauda, como um cometa visto em 1744 que tinha seis, e o de Donati, visto em 1858, que tinha duas, uma curva e outra recta; ha outros que tem cabelleira sem cauda, outros ha que são completamente privados d'estes accessorios, apresentando o aspecto dos planetas. Esta circumstancia fez com que o planeta Urano fosse durante algum tempo tido por um cometa.

A cauda dos cometas estende-se muitas vezes a grande distancia desde 30° o 40°, como as caudas do referido cometa de 1744, até 104° como a do cometa de 1618. Mas isto são apenas excepções, na maioria dos cometas as dimensões são menos consideraveis. Estas caudas parecem ordinariamente rectas, comtudo, segundo o dizer dos historiadores a do cometa de 1689 era curva *como um alfange turco*. A comparação não deixa de apresentar certo chiste. É singular porém que a cauda dos cometas se conserve sempre voltada para a parte opposta ao sol.

Os cometas só podem ser observados durante um tempo limitado, por isso, desde que apparecem, os astronomos não deixam de os perseguir com os seus occulos até que elles desappareçam de todo. Não os deixam dar um passo sem espia. A's vezes o astro, que gira tão rapidamente que parece que tem o demonio no corpo, aproxima-se do sol e desapparece á vista d'elles, mas pouco tempo depois tornam a descobril-o do outro lado e ei-los de novo com elle a contas. Ora todos estes passos e movimentos, aspectos e apparencias que vão sendo registados cuidadosamente, e correctos e rectificados por todas as observações relativas, se tem chegado a marcar a marcha dos cometas, e até a reconhecer aquelles que nos tem feito as suas visitas mais ameudadas. Foi Newton

Convento da Arrabida (Desenho do natural por João Vaz)

o primeiro que fez conhecer as verdadeiras leis do movimento d'esses astros. Segundo elle descrevem os cometas elipses muito alongadas, das quaes o sol occupa um dos focos, mas como só são visiveis quando se acham na porção das suas orbitas visinhas d'este astro, parecem mover-se segundo *parabolas*, cujo foco está no centro do sol. Fora longo, e pouco interessante para a maioria dos leitores, entrar na explicação necessaria para mostrar a conveniencia para o calculo d'esta consideração. Basta dizer que os movimentos parabolicos observados e levados á maxima rectificação servem para formar o *Catalogo dos cometas*, que já hoje conta o registo de cerca de seiscentos d'estes astros, cujo numero tem augmentado successivamente de 3 a 4 por anno, fornecendo só o de 1846, oito d'estes astros. Naturalmente por causa da Maria da Fonte, diriam os profetas.

De todos os elementos observados, tem-se chegado a reconhecer a periodicidade do movimento de alguns cometas. Deixaremos de dizer quaes são esses elementos, que podem ser vistos em qualquer tratado de Astronomia. Da identidade dos elementos observados em 1531, 1607, 1682 deduziu Halley que um certo cometa fazia a sua revolução em 75 annos proximamente. Effectivamente appareceu de novo em 1759, e pela ultima vez em 1835, pelo que ficou este astro conhecido pelo nome do celebre astronomo.

Outro observado por Pons a 26 de novembro de 1818 apresentava os elementos muito similhantes ao de 1805 e feitas observações provou-se que a sua revolução era de 1200 dias, ou 3 annos e 3 mezes, e ficou conhecido pelo nome de *cometa de curto periodo*.

Biela a 27 de fevereiro de 1826, avistou em Johannisberg um novo cometa, que Gambert dez dias depois observou em Marselha, e tendo reconhecido que os seus elementos eram quasi os mesmos que os de dois cometas observados em 1772 e 1805, concluiu ser o mesmo. Brevemente Clausen e Gambert determinaram a revolução d'este astro que se executa em 6 annos e 9 mezes proximamente: é este o *cometa de Biela*.

Faye avistou outro cometa a 22 de novembro de 1843 em Paris. Algum tempo depois o dr. Goldsmith, apoiando-se em observações feitas em Altona e Paris, apesar de não haver no catalogo dos cometas nenhum com elementos similhantes, baseando-se na pequena excentricidade da orbita do cometa comparada á de outros conhecidos, aventurou-se a predizer a sua reapariçao em 1851. Com uma extraordinaria precisão se realisou a profecia, ficando reconhecida a revolução d'este astro que se executa em perto de 7 annos e meio.

Tem-se seguido o mesmo systema para com outros cometas; mas só se lhe reconhece a periodicidade, quando tornam a apparecer ao menos uma vez.

Esta circunstancia, deixa bem perceber que um visitante, cuja visita se póde prediser e assegurar com tanta antecencia e certeza, nem apparece porque alguem o manda, nem póde vir annunciar coisas terriveis e horripilantes. Apparece porque não póde deixar de apparecer.

Sobre a composição dos cometas tambem se tem dito muita coisa. A opinião mais geralmente seguida é que a nebulosidade que acompanha os cometas deve ser considerada como os nevoeiros que se formam na nossa athmosphera, um vapor que acompanha o astro. Effectivamente a sua tenuidade é tanta que estrellas, até de pequena grandeza, podem ser observadas atravez della, ainda que os raios luminosos d'ellas tenham que atravessal-a, nas partes em que se apresenta mais densa.

As alterações muito rapidas que sobrevem na forma de um cometa, levam a confirmar esta idéa, e podem ver-se as observações que foram feitas com relação ao cometa de Halley, e com cuidado por extremo Herschell filho, no Cabo da Boa Esperança em 1835 e principio, de 1836, e que se acham reproduzidas em varios tratados. O aspecto do cometa apresentou-se com formas muito singulares, o do presente anno tambem as apresenta como se pode ver nas gravuras que acompanham este artigo.

O nucleo mesmo do cometa, nem sempre se manifesta como um corpo solido, similhante a um planeta que estivesse collocado no meio da nebulosidade; parece antes devido a uma maior condensação da materia cometal, uma accumulação d'ella n'um espaço restricto e parecendo essa condensação ir progressivamente diminuindo do centro para as partes mais extremas e leves da cauda ou da cabelleira. Segundo isto um cometa seria apenas uma reunião de materias vaporosas, girando no espaço, experimentando alterações de forma mais ou menos pronunciadas. O que é certo é que os cometas teem massas muito pequenas relativamente á massa dos planetas.

O cometa de Biela, em janeiro de 1846 apresentou uma circumstancia bem singular. Dividiu se em duas partes distinctas que continuaram a mover-se a muito pequena distancia uma da outra, sendo cada uma formada de um nucleo acompanhado de uma nebulosidade.

Quando o cometa tornou a aparecer em 1852, depois de ter percorrido a sua orbita, tornaram a ver se as duas partes delle, tendo augmentado a distancia dos seus nucleos consideravelmente, e assim foi proseguindo, até que em 1872 uma das duas partes encontrou a terra, como adeante diremos.

Por varias observações concluiu tambem Arago que a luz dos cometas é, ao menos em parte, a luz solar reflectida á sua superficie.

O cometa que ha pouco tempo deixou de ser visto por nós foi descoberto a 25 de maio do corrente anno, em Cardoba (Estados do la Plata) pelo sr. Gould, director do observatorio e pelo seu segundo ajudante, D. Gualter Davis. Achava-se n'aquelle dia na constellação da Pomba, a 33°,52° ao sul do equador. Era então invisivel para nós, mas o seu movimento conduzia-o rapidamente para o norte, quasi perpendicularmente ao equador, pelo que deveriamos começar a vel-o quando se tornasse um astro circumpolar.

(Continúa) R.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Precisamos concluir esta noticia, que ainda tinha materia para outros tantos artigos, e por isso daremos agora conta muito succinta de alguns dos principaes trabalhos, que ainda restavam a analysar.

O sr. Adriano Arcelin enviou ao Congresso um trabalho que tem por titulo: A *antiguidade do homem na bacia media do Rhodano e do valle inferior do Saone*. Parece que o homem n'estas regiões só appareceu depois do *Elephas antiquus, e intermedius*, e *Rhinoceros Jordani* que não se encontram nas estações paleolithicas, cuja fauna é analoga á do *lehm* e sua continuação.

Considerações geologicas e estratigraphicas nos levam a julgar o mesmo, sendo pois certo que o homem veio habitar aquellas regiões muito depois do lago Bressan ter secado, e das geleiras terem tambem recuado para as cimas do Jura.

O sr. Chantre apresentou a *Monographia das antigas geleiras da bacia do Rhodano*, onde trabalhando de collaboração com o sr. Falsan, e servindo-se de um processo analogo ao das cartas hydrographicas, se mostra a marcha das correntes de gelo sobre o terreno, pois todos sabem os vestigios que ellas deixam, e ao mesmo tempo se reconhece o facto anthropologico da marcha do homem n'estas regiões á proporção que os gelos iam recuando. O estudo da destribuição da fauna quaternaria confirma este facto. O sr. Chantre espera que se façam estudos em Hespanha e Portugal, especialmente n'este paiz onde a fauna quaternaria parece offerecer grandissimo interesse.

A edade do bronze na Italia. N'este trabalho chama o sr. Chantre a attenção do Congresso não sobre a existencia d'esta primeira epoca dos metaes, actualmente indiscutivel, mas sobre os caracteres com que ella se desinvolveu e espalhou na Europa. É um trabalho muito interessante e importante.

As necropoles da primeira edade do ferro do Caucaso que encerram craneos macrocephalos. Durante a sua missão scientifica em 1879 o auctor emprehendeu pesquizas em Kazbek e Koban, e outras na Georgia em Mitskheth; tambem se descobriram outras em Diligana, em Marienfield, e em Sartachalo nas cercanias de Tiflis. Os primeiros dois grupos de sepulturas compostos de lages grosseiras encerravam objectos de bronze de aspecto estranho, particulares ao Caucaso, taes como fibulas d'arco simples e muito grandes, perolas de bronze e vidro, cadeias e outros objectos com algumas gravuras grosseiras, cavallos, veados, homens, mulheres, etc.

Os desenhos que acompanham este trabalho mostram os diversos caracteres de cada um dos grupos explorados.

O sr. Virchow classificou os resultados dos trabalhos do sr. Chantre da mais alta importancia para o conhecimento das relações entre a Asia e a Europa. Algumas outras reflexões se fizeram, accentuando o sr. Hildebrand sobre o facto do encontro de typos identicos no Caucaso, e nas partes meridionaes da Europa. A sciencia ainda não póde explicar esta paridade.

O sr. Pawinski, em nome de auctores ausentes, apresentou uma magnifica carta archeologica da Polonia prussiana e partes contiguas ao Grão-ducado de Posen. Este trabalho da maior perfeição e importancia é impresso em polaco e francez.

O sr. Antonovich, que explorou grande numero de jazigos prehistoricos do sueste da Russia, deu conta do desinvolvimento dos estudos archeologicos d'esta região, e apresentou alguns pormenores das recentes explorações dos *tumuli* do Valle do Poristhenes.

O sr. Romer deu algumas noticias das escavações mandadas por elle executar nos 45 grandes *tumulus* de Nagyfaltt, condado de Szilagy. São estes da epoca do ferro e muito notaveis pelas suas enormes dimensões e pelo interesse dos objectos encontrados n'elles. Esperava acabar as suas explorações brevemente e a tempo de apresentar o seu resultado no relatorio d'este congresso.

O sr. conde João Zawisza apresentou algumas peças curiosas de dente de Mamuth, encontradas na caverna d'esta denominação, a respeito das quaes pediu a opinião do Congresso. A 8.ª peça não é de certo ponta de lança, parece-lhe servir antes de insignia de commando, de feiticeria ou de culto religioso. N'um dos extremos parece ainda entrever-se um olho gravado. Tambem apresentou alguns ossos d'aquelle animal trabalhados, o que segundo elle e o sr. Schaafausen é a melhor prova da sua contemporaneidade com o homem, por isso que os ossos d'este animal porosos e frageis como são, só podiam ser trabalhados quando recentes.

O sr. De Quatrefages apresentou uma *Nota sobre as ultimas pesquisas effectuadas no Lozere* pelo dr. Pruniéres, que lh'a facultára para este fim. Depois de se referir aos trabalhos anteriores d'este archeologo, disse que elle annunciava os seguintes descobrimentos. Uma immensa caverna com ossos do *Ursus Spelæus* e machados de Saint-Acheul; muitas cavernas sepulchraes com grande quantidade de ossos, muitos ainda atravessados pelas flechas dos homens dos dolmens, com muitos craneos dolichocephalos, o que tudo foi cuidadosamente recolhido; muitos dolmens, com craneos brachycephalos, dolichocephalos e mestiços, nos quaes começa a apparecer o bronze; muitos craneos extrahidos d'um velho cemiterio, situado no centro de Causse, de todas as tres raças, predominando os brachycephalos.

Os corolarios a tirar d'estes descobrimentos são importantissimos.

Nos primordios paleolithicos do urso, os dolichocephalos estão sós, parecendo da raça de Cro-Magnon, talvez com alguma mistura de homens de Constadt.

Depois chegam os brachychephalos, constructores dos dolmens e com elles a guerra, comtudo as duas raças persistem juntamente, juntam-se, parecendo porém que prevalecem os brachychephalos.

A fusão das raças prova-se tambem pela riquissima collecção do museu do Barão de Baye.

No Lozere os phenomenos são mais simples.

O sr. Belucci, dá algumas noticias sobre *o homem terciario da Italia*. Este joven sabio italiano que tem explorado a Tunisia, e a Ombria, quiz fazer conhecer ao congresso o seu ultimo achado em *S. Valentino* e *Castello d'elle Zorme*, perto de Perusa de ossos de differentes animaes que apresentam incisões rectas e entrecortadas, impressões naturalmente dos silex com que os queriam quebrar; duas amostras de ossos carbonisados e emfim de silex lascados. Tudo foi encontrado nos depositos argilosos do pliocene lacustre, Estes objectos provam a existencia do homem na Ombria, do que o auctor se occupará n'uma memoria especial, sendo de lamentar que a não preparasse para o Congresso.

Tambem communicou uma nota sobre *o culto da pedra*, na qual apresenta uma numerosa serie de cartões representando uma magnifica colleção *d'amuletos* modernos italianos, que nenhum museu póde apresentar assim. O illustre archeologo faz notar o valor de certos specimens da superstição de todos os tempos, admirando-se principalmente alguns silex talhados que são verdadeiros relicarios. Entre nós tambem ha alguma coisa si milhante.

O sr. Luiz Pigorini, o intelligente e sympathico director do *Bulletino di paletnologia italiana*, fez uma communicação sobre *as sepulturas das povoações dos terramares*, apresentando uma collecção de desenhos dos objectos extrahidos das sepulturas descobertas pelo professor G. Pellegrini em Gambalone, na provincia de Veneza. Consistem elles em espadas, facas e punhaes, alfinetes de toucar de bronze, contas d'ambar, uma serra e algumas lascas de silex de fórmas e materias differentes, encerrados em sepulturas excavadas n'úm terreno cascalhento e cobertas por elle. As armas e objectos de bronze, são eguaes ás que se encontram nos terramares da Emilia, nas habitações do lago de Garda, remontando á edade do bronze de Italia septentrional.

O descobrimento do dr. Pellegrini mostra-nos sepulturas que parecem ser do povo dos terramares e estações lacustres que se tinham procurado em vão, e da associação d'aquelles objectos n'ellas conclue-se que durante a idade do bronze já se conhecia o bronze na Italia septentrional, mas continuavam-se ainda a fabricar alguns instrumentos de silex. E nem n'estas sepulturas nem nos terramares da Emilia, se encontraram as fibulas, os braceletes de bronze nem vestigios de objectos de ferro.

O sr. Pigorini tambem fez outra communicação sobre *os ossos humanos e silex pintados de vermelho em uma sepultura*. Foi no territorio de Agnani, perto da estação de Sgurgola, que se encontrou n'uma sepultura da idade da pedra uma porção facial de craneo humano e duas pontas de flexa de silex, coloridas de vermelho pelo cinabrio.

Nenhuma duvida ha sobre a antiguidade d'esta coloração, porisso que se acha coberta pela camada calcaria que envolve tanto estes objectos, como outros encontrados na mesma sepultura. Logo o deposito da materia corante só póde ser effeito de uma infiltrição natural, ou de um costume do povo, talvez testemunho piedoso dos parentes.

Mas a coloração nota-se apenas n'aquelles tres objectos, e applicada sobre as duas faces das pontas de silex, não se estende nem a outros objectos, nem ao solo ambiente, d'onde se conclue só poder ser admittida a segunda hypothese.

Como illucidação mencionou o sabio italiano, varios exemplos de coloração de objectos encontrados em sepulturas prehistoricas, que provam no homem da idade da pedra o costume de se pintar, e de depor nas sepulturas materia corante para o morto se ornar assim no mundo dos espiritos.

Não deve esquecer o encontro de muitos pedaços de cinabrio no *tumulus* de Marcella no nosso Algarve, que atraz mencionamos.

O sr. Pigorini põe em presença d'estes factos o costume dos habitantes da Nova Zelandia de enterrarem os mortos depois de despojarem os seus ossos de toda a carne, e de pintarem estes como fazem ao corpo durante a vida, e o dos Papuas que pintam os craneos dos seus mortos de varias côres, nomeadamente de vermelho.

Ainda que raros teem-se notado casos similhantes por outras partes, mesmo na Italia.

O sr. Villanova falou da edade do bronze, e indicou varias razões que o levavam a crer em uma *edade do cobre* que precedera aquella na Peninsula, sendo certo que o cobre é indigena d'esta parte da Europa. Analyses feitas sobre alguns machados d'este metal, disse, confirmam esta opinião.

Foi ella porem impugnada pelos srs. Mortillet e Chantre. Especialmente este mostrou que por toda a parte tem havido tal opinião, que cae perante os factos mais bem analysados, e tanto este como o sr. Rodrigues da escola polytechnica de Lisboa consignaram as suas duvidas sobre as consequencias que se pretendem tirar da analyse minuciosa de tão pequenas peças, não se encontrando em todas a liga metalica perfeitamente igual.

O sr. Villanova comtudo espanta-se de que se faça uma tal opposição á pretendida *edade do cobre*.

O sr. Oppert expoz as suas idéas sobre a *chronologia prehistorica* nas suas relações com o Genesis. Por uma serie de calculos habilissimos e complicadissimos, indaga, firmado nas avaliações que corriam entre os babylonicos, a quantidade de tempo comprehendida nos *dias* que menciona o texto hebraico. Comtudo assegura que além do Exodo, não ha verdadeira chronologia.

Recordando em outra communicação as opiniões que teem tido curso na sciencia sobre as *Relações do Oriente com o Occidente prehistorico* e as discussões a que deram logar a origem do bronze e o commercio do ambar, fez o sr. Oppert notar uma inscripção assyrica do anno 950 antes de Christo na qual o rei conta as suas maravilhosas excursões, os objectos que colligiu, o museu que organisou, que ha caravanas que vão pescar no mar que domina a estrella polar o *assafrão que attrae*, evidentemente o

ambar. Eis pois reveladas relações entre o mar Baltico e um imperio asiatico no seculo x. Ficou conhecido o caminho percorrido por estas caravanas, que mais tarde se acha assignalado por moedas e estações gregas.

O sr. Gastão Mesnier apresentou um pequeno trabalho: *As formações geologicas da cordilheira dos Andes e o homem americano*, fructo da sua viagem diplomatica pelos paizes americanos, onde infelizmente alcançou uma doença que tem prejudicado a sua actividade. N'este trabalho expõe as modificações geologicas acontecidas na America e os resultados dos phenomenos vulcanicos que as produziram ou acompanharam.

N'esta memoria, muito interessante, consigna-se a necessidade que ha de admitir a existencia de um grande continente austral, do qual teriam feito parte a Africa e a Australia, berço desapparecido das raças humanas que povoam o extremo oriente e a Australia.

(Continúa) R.

O CAVACO

A Fialho de Almeida.

Quando acabou a leitura, o Fortunato monologou rancorosamente por entre bocejos largos e grandes espreguiçamentos caracteristicos.

— Chama-se a isto jornalismo actual! Pois embirro soberanamente com o tal jornalismo, palavra. Com mil demonios! na politica, vêem-se apenas uns fortes ataques burlescos, sanguinarios, com grandes phrasecados descompostos, onde abunda a insidia e falta a grammatica. Muito bons para fazerem rir a gente! Na litteratura, — palavra demasiadamente pomposa no meio d'esta insignificancia deploravel, — apercebe-se um elogio mutuo mal disfarçado que dá cabriolas grutescas; a cada passo — um *nosso amigo* talentoso que se carrega ferozmente d'adjectivos gloriosos; umas transcripçõesinhas protectoras; varios folhetins de contrabando... uma miseria!

Puchou uma fumaça, e poz-se a admirar a braza suja do charuto, enfastiadamente; depois continuou:

— Que cousa! Ao menos eu, sim eu, posso gabar-me soberbamente de dirigir um jornal explendido, modelo primoroso do que deve ser a boa imprensa, util e...

A Delfina entrou então, a correr, batendo as palmas, n'um grande alvoroço hilariante:

— Apanhei-te! Outra vez atrelado á nora insupportavel d'essa diabolica mania... jornalistica!

E elle, sorrindo-se, passivamente:

— Mania, hein? Talvez. Mas todos nós as temos, bem sabes. Eu cá só tenho esta — que é grande! — e mais uma outra...

— Ah! tens outra; qual?

— A de te adorar, como se adora...

Ella gostava bem d'ouvir aquillo! Mas deu-lhe para se fingir despeitada, — questão de brincadeira. E interrompendo-o, indignadamente:

— Adora-me então *por mania*, simplesmente! Muitissimo obrigada. Bravo, já é! Ao menos admiro essa franqueza rude e lisongeira.

E passeiava, muito agitada! Depois bradou:

— E é para isto que se arranca torpemente uma pobre rapariga confiante aos braços carinhosos da familia dedicada!..

O Fortunato ria-se, percebendo a cousa... pela compromettedora repetição d'aquelles casos tempestuosos. E tinha muitas fumaças trocistas, desconcertadoras. Mas quiz prolongar a risonha comedia; e perseguindo-a, chorosamente:

— Por piedade, amiguinha, socega, escuta...

Ella estacou, e tragicamente:

— Não, não quero ouvil-o!

E foi cahir sobre um macio sofá voluptuoso, a soluçar — um pouco ruidosamente demais, talvez.

Elle sentou-se-lhe ao lado, surrateiramente e assoprou-lhe para a cara uma grande fumarada cinzenta, aos novellos; e ella, esquecendo-se:

— Isso é que não vale! ora, ora...

E tapava muito os olhos negros, brilhantes, com as suas finas mãos assetinadas.

Elle declarou ironicamente:

— Olha, quando te vejo assim, só a pungente idéa de que póde ser a serio — palavra! — faz-me gana de suicidar-me! ..

— Ih! que tectrico desfecho pretendes então dar aos teus dezoito compactos artigos contra o suicidio... *que é um crime.*

— Eu escrevo com pseudonymo...

E desataram ambos a rir, muito expansivos. Houve um curto silencio. Bruscamente, o Fortunato levantou-se, e dando uns passos:

— Uma grande novidade! vou fazer uma viagem de recreio.

E a Delfina com uma pontinha de despeito verdadeiro:

— Ah! *vaes?*

— Quero dizer — vamos, é claro.

Ella teve um suspiro imperceptivel de intimo prazer: e logo serenamente:

— Pensei que ias só; ao fim de sete dias de casados! E onde é que vamos?

O Fortunato fez uma grande provisão de fumaças preliminares, e discursou:

— Minha querida, estamos em pleno verão...

— Ainda não tinha dado por isso!

— . .A vida em Lisboa é uma alliada poderosa da morte, que fez tambem uma alliança temivel com a camara municipal. O ar que a gente respira, é balsamico quanto o podem ser as exhalações inebriantes das sargetas publicas; e essa brisa perfumada e buliçosa que outr'ora fez amenos sonetos venenosos, hoje envenena tambem furiosamente com menos rima e com mais fetidos, o pobre lisboeta resignado e submisso!

E com um ardôr tribunicio, o braço estendido:

— Ahi por essas ruas corre a insaciavel peste!...

A Delfina poz-lhe um travão ironico áquella roda eloquente:

— Estás espavorido!... Esbarraste n'alguma parte com essa malcheirosa visão horrenda, com esse miasmatico Adamastor do nariz indigena?

— Qual! Bem sabes que ella tem a mesma propaganda subterranea, surda, dos nihilistas implacaveis...

— Quer dizer que a nossa bôa saude preciosa é despotica como um czar tigrino? Bem desthronada .. ou deteriorada, n'esse caso!

O Fortunato, meio contrariado, fulminou-a severamente com esta sentença tremenda:

—E não fazes folhetins!... Mas, por esmola, deixa-me continuar. Ora bem! Agora convido-te a que, rivalisando com este theatro medonho, em cujas tragedias pavorosas o cano de esgôto se impõe de tyrano, a triste população é a victima, e a camara municipal faz d'ingenua, — colloques o largo campo!... que é, por assim dizer, um theatro lyrico magestoso, onde a natureza dilettante executa eternamente as grandes symphonias potentes d'um Meyerber olympico!

— Sonóras basófias de provinciano...

— Sim! Imagina-te já no campo, extenso, saudavel, opulento, de verduras luxuriantes e de vegetações lubricas!

E o Fortunato passou os dedos compridos pela fronte humida, n'um gesto rhetorico, como quem rasga o veu d'uma inspiração subitanea, portentosa. E continuou:

Lá, o ar é purissimo, o sol vivificante, o ceu grande e folgasão; as rapidas brisas são olorosas, os prados ..

— Os prados floridos, os mattos rescendentes!... Eis um aranzel enthusiastico que me repetes regularmente trez vezes ao dia.

E elle, um pouco impaciente:

— Massádas, hein?

E mordazmente, n'uma sêde violenta de satyras:

— E' que eu sou como os bons ministros de estado que defendem machinalmente os seus actos sempre com as mesmas palavras ôcas, com os triviaes protestos de honradez, de lealdade, de patriotismo ..

A Delfina gritou, com um risinho garoto:

— Mas se eu não te faço opposição! Nem podia ser: uma mulher nem é eleitora nem elegivel...

— Vamos á momentosa questão, nada de ápartes! Tu aprovas o meu exellente projecto de lei — isto é, de viagem?

— Incondicionalmente, como um deputado da maioria.

E o Fortunato, todo alegre:

— Muito bem! Penhora-me essa bella acquiescencia... parlamentar! Partiremos então d'aqui a dias, e iremos ao Bussaco ..

— E ao Bom Jesus do Monte! E' o itenerario sédiço de todos os nossos viajantes de bom g sto—amantes da patria pittoresca. Ainda bem! Estava já receiando que me expuzesses corajosamente o plano heroico d'alguma excursão arrojada a Queluz, á Porcalhota, ao Alfeite, ou — que horror! — á maravilhosa Cintra das dôces frescuras e dos alegres burros! ..

Elle, a rir-se, replicou humilde:

— Iremos onde tu quizeres.

— Apoiado! E' assim que se fazem calar os causticos murmuradores. Olha, se qualquer ministro conspicuo e circumspecto se lembrasse de usar sabiamente um processo tão commodo, para bater os opposicionistas *pastophobos*...

— Teria que entregar a propria pasta logo no primeiro dia de debate acalorado!...

O conselheiro Theodoro, pae da Delfina, um velho finório que havia sido recentemente cozido par do reino, deu signal da sua presença despercebida, commentando jovialmente, generoso:

— Está aberta a torneira do fino espirito!

E o genro, muito critico:

— Olá! Eis ahi como a estupidificante rotina parlamentar transtorna até cerebros sólidos; isso é uma deploravel parodia fiel áquella velha formula cebenta:

«Está aberta a sessão»!

Que se sentasse alli ao pé d'elles; que lhes contasse miudamente o que succedêra na camara; grandes discursos virulentos, cousa muito séria, um pagóde, hein? E se o governo sempre cahiria?

— Não esteve másinha a sessão, não senhor. Houve por lá o diabo!

E cheio d'uma grande franqueza caseira, o novo digno par observou, sincero:

— Mas «os homens» não largam o espinhoso poder; qual! nem a chicóte, felizmente.

Monteiro Ramalho.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

La legende et l'histoire dans les affaires politiques et financières du Portugal — 1825-1880 — *Les pretentions des porteurs de titres D. Miguel devant leurpropres allégations, les textes par eux presentés et les documens authentiqués par l'Europe. Lisbonne, Emprimerie nationale*, 1881. — 8.º francez de 405 paginas.

Desde longa data os portadores dos titulos do emprestimo de 1832, contrahido por D. Miguel, durante a sua usurpação em Portugal, tem levantado pretensões ao reembolso das quantias prestadas. Essas pretensões teem-se renovado cada vez que a nação tem tentado realizar novo emprestimo. Brochuras sobre brochuras, artigos de jornaes, petições e reclamações ás camaras francezas, têm sido produzidas por aquelles individuos, ou seus protectores,

ENIGMA

Explicação do enigma do numero antecedente:

Unhas de gato habito de beato.

cada vez que se tenta nova operação, ou que a França tem transformado a fórma do seu governo.

Por occasião da nossa ultima operação financeira aquellas pretensões, que tem ido tomando mais calor á proporção que a diuturnidade de tempo, nos vae afastando da epocha referida, tomaram o caracter de uma agressão violenta e de um insulto á nação. Julgou então o governo portuguez conveniente pedir reparação d'aquelle agravo, e se os tribunaes francezes se julgaram incompetentes para poderem punir tal delicto, nem porisso deixaram de accentuar a inconsistencia e vacuidade d'aquellas pretensões.

As camaras francezas, tomadas então de sobresalto pelos habeis prestamistas, não se deixaram comtudo embair, e nem ellas, nem o governo, julgaram dever intervir em tal assumpto, graças ás allegações apresentadas por Portugal.

Mas comtudo este feito que se tem repetido frequentes vezes, sob falsos pretextos, baseando-se em falsas allegações, addusindo textos adulterados, e appoiando-se na pretendida ignorancia das occorrencias politicas de Portugal de 1828 a 1833, precisava ser illucidado, explicado, commentado e discriminado por fórma que não se podesse mais renovar sob tão falsos fundamentos.

O livro, cujo titulo acima escrevemos, tem esse intuito. Escripto por um dos vultos mais eminentes da nossa litteratura, e um dos ministros mais illustrados e dos diplomatas mais instruidos que temos, o sr. José da Silva Mendes Leal, nosso embaixador em Paris prehenche cabalmente aquelle fim.

Ea historian'ella esclarecida perante a legislação portugueza, perante os documentos diplomaticos e politicos da epocha. As allegações dos prestamistas são analysadas uma por uma; os textos, por elles deturpadamente adduzidos, são restituidos á sua genuinidade; e de todos os argumentos limpida, corrente e singelamente apresentados, fica não só reconhecida e provada a má fé d'aquelles portadores, mas tambem colligidos em pequeno quadro, documentos historicos importantes para avaliar o procedimento de D. Miguel, e d'aquelles que concorreram com os seus haveres para elle sustentar a sua usurpação. D'aqui em deante ninguem poderá allegar ignorancia. Aquelle trabalho devia ter sido feito ha muito tempo, mas felicitemo-nos porque a sua demora descansasse, que elle viesse a ser executado paciente e conscientemente por tão habeis mãos.

Que elle seja profusamente espalhado pelo paiz e pelo estrangeiro, é o que desejamos, e que não fique sepultado como tantos outros e importantissimos trabalhos historicos e politicos que jazem accumulados nos archivos dos ministerios, até que algumas mãos *piedosas* os vão distribuindo pelas tendas.

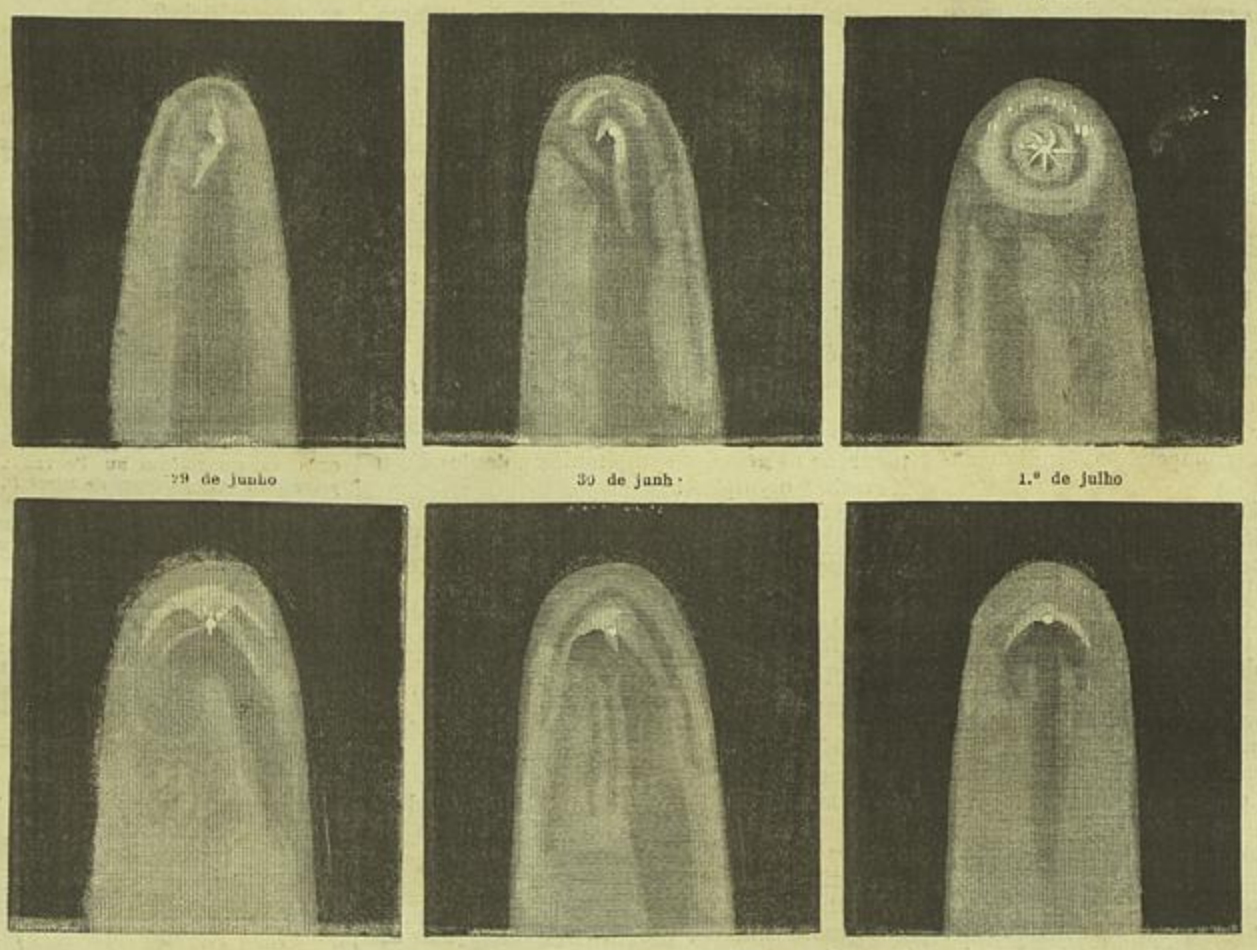
HESPANHA E CALDERON (*poesia*) *por F. A. Sanches de Gusman*, 1881, *Ponta Delgada ilha de S. Miguel, typ. do Archivo dos Açores*, 4.º de 12 pag. com um retrato de Calderon. Pequeno tributo que não se recommenda nem pelo vigor da concepção, nem pelo estilo e metrificação, que é a mais desleixada possivel.

ARCHIVO DOS AÇORES, *publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia açoriana, numero* XI, *e numero* XII, *ultimo do segundo vol. Ponta Delgada, ilha de S. Miguel (Açores) Typ. dos Açores*, 1881, 4.º

Com estes dois fasciculos ficou completo o segundo vol. de 584 pag. d'aquella collecção, a mais valiosa, pela sua importancia local, que até hoje se tem publicado no nosso paiz. A quantidade de documentos ali impressos é já de centenas, e a maior parte desconhecidos; a reproducção de algumas noticias ou manuscriptos, ou impressos, e hoje raros, a concentração ainda nas suas paginas de alguns pequenos trabalhos originaes, tudo relativo aos Açores, tornam de facil accesso esses elementos dispersos, communicando a todos o interesse que elles proporcionam, e familiarisando todos com a linguagem e formulas rudes dos tempos passados. O facto consignado na introducção d'este volume, de que ao passo que alguns individuos *illustrados* retiravam a sua assignatura, augmentava a inscripção da das classes menos illustradas, mostra que estas, pelo seu instincto, comprehenderam o intuito da collecção. Ao benemerito collector, o sr. dr. Ernesto do Canto, resta-lhe ao menos esta gloria, e o reconhecimento com que os futuros historiadores, e os vindoiros apreciarão o seu trabalho.

AFRICA PORTUGUEZA

CABO VERDE — *Quartel Militar da cidade da Praia* (Segundo uma photographia)



DIFFERENTES ASPECTOS DO GRANDE COMETA DE 1881

enumeradas todas as especies agricultura em geral.

O INSTITUTO, *Revista Scientifica e Litteraria, vol.* XXIX *julho de* 1881, *segunda serie* n.º 1. — Continua a inserir artigos da mais alta importancia scientifica e litteraria.

COIMBRA MEDICA, *Revista Quinzenal de Medicina e Cirurgia*, n.os 15 e 16 de 1 e 16 de agosto do corrente anno.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, por Francisco de Almeida, editor, livraria Zeferino, Lisboa. Fasciculo 25.º de 48 pag. em folio. Vae esta obra já em 1:200 paginas e alcança á palavra *arma*.

ALBUM DAS GLORIAS, desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro e texto de João Rialto e João Ribaixo, lytographias de Justino R. G. Guedes, n.º 17. Figura n'este numero o sr. Marianno de Carvalho n'um espirituoso desenho por Bordallo acompanhado de um artigo não menos espirituoso por João Rialto.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA, edição da Empresa Litteraria de Lisboa, rua Nova do Almada, 36. Fasciculos 12.º e *U* de 24 pag. e uma gravura, cada um, representando a do fasciculo 12, 1640 — *Os conjurados instando com D. João IV para se pôr á testa da revolução*, e a do fasciculo *U, Invasões francezas — O povo de Braga amotinado assassina o general Bernardim Freire.* É a melhor edição illustrada da Historia de Portugal, que se tem feito até hoje.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6